

O GÊNERO MULTIMODAL MEME NA SALA DE AULA

Fernanda Vieira Ventapane (UFBA)

nandaventapane@hotmail.com

Julio Neves Pereira (UFBA)

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar resultados parciais acerca da pesquisa que vem sendo desenvolvida no mestrado profissional (PROFLETRAS/UFBA) com alunos do ensino fundamental, séries finais. A pesquisa pretende saber em que medida o trabalho com memes nas aulas de língua portuguesa possibilita a construção do leitor e produtor de textos críticos, sobretudo de textos multimodais que circulam nas redes sociais acessadas pelos sujeitos colaboradores da pesquisa. Nesta etapa de investigação, trabalhou-se com um grupo focal constituído de alunos de uma escola pública localizada em uma região periférica de Salvador, selecionados segundo critérios pré-estabelecidos, a fim de levantar quais memes e quais temáticas fazem parte de suas vidas e quais são as redes sociais que mais acessam. A partir do levantamento, refletiu-se sobre a medida em que o uso do gênero discursivo meme nas aulas de língua portuguesa possibilita a construção do sujeito crítico, ao mesmo tempo em que o empodera, ao perceber os jogos discursivos em que está imerso. É uma pesquisa qualitativa em que os dados foram coletados por meio de roda de conversa e questionários. Essa investigação parte dos seguintes pressupostos teóricos e metodológicos: gêneros discursivos são tipos estáveis de enunciados (BAKHTIN); toda atividade de ensino-aprendizagem tem que levar em conta a diversidade cultural e multiplicidade de linguagem (ROJO); toda atividade docente tem que partir do princípio da "prática situada" (ROJO). Para o tratamento da multimodalidade constitutiva do gênero meme, utilizam-se as categorias estabelecidas por Unsworth. Os resultados iniciais indicam que os alunos leem memes sem criticidade, e pouco os produzem, enquanto gênero. Atém-se apenas a ação de compartilhar discursos de outros, apropriando-se, muitas vezes, sem criticidade dos mesmos.

Palavras-chave: Multimodalidade. Memes. Letramento. Produção textual.

1. *Considerações iniciais*

No mundo em constante mudança, em que as novas tecnologias chegam a todos os cantos do país, as práticas de leitura e os estudos de linguagem ou de múltiplas linguagens tornam-se decididamente cada vez mais relevantes. Os textos midiáticos (escritos, orais ou visuais) veiculam informações, exigindo dos sujeitos capacidade de ler e interpretar reflexivamente os vários textos veiculados na sociedade em nossas práticas cotidianas.

Em tempos de hipermodernidade, de leitores cada vez mais exigentes no que se refere às ferramentas necessárias à leitura de gêneros

hipermidiáticos e de produções textuais de complexidades variadas, há de se considerar as três dimensões propostas por Roxane Helena Rodrigues Rojo (2012) quando se trata da formação de leitores críticos e empoderados. A diversidade produtiva (âmbito do trabalho) em que textos são produzidos utilizando as mais diversas ferramentas em conjunto e não mais restritos à tinta, papel e caneta. O pluralismo cívico (âmbito da cidadania) em que são consideradas as culturas híbridas e as identidades multifacetadas (âmbito da vida pessoal), abarcando as diversidades de gêneros, de relações interpessoais e reconhecimento da individualidade. Apesar de o Grupo de Nova Londres entender que o conceito de multiletramentos já abarcaria as multiplicidades de culturas e linguagens, ainda é muito evidente que a escola persiste em privilegiar e eleger a cultura dita culta, desmerecendo os novos letramentos, as práticas situadas, procedimentos e outros gêneros que circulam e propagam a cultura de massa digital.

Faz um bom tempo que as tecnologias do letramento não são tão simples quanto a caneta, a tinta e o papel. E na era da imprensa, assim como antes dela, o letramento raramente esteve atrelado de forma estrita ao texto escrito. Muitos dos gêneros de letramento, do artigo da revista popular ao relatório de pesquisa científica, combinam imagens visuais e texto impresso em formas que tornam as referências entre eles essenciais para entendê-los de modo como o fazem seus leitores e autores regulares. Nenhuma tecnologia é uma ilha. Conforme nossas tecnologias se tornam mais complexas, elas se tornam situadas em redes mais amplas e longas de outras tecnologias e de outras práticas culturais. (LEMKE, 2010, s/p.)

Nesse contexto, percebe-se o quanto as novas tecnologias precisam estar inseridas no cenário escolar, já que as práticas letradas atuais impulsionam alunos e professores à aquisição e desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita de textos multimodais e semióticos que combinam imagens (estáticas e/ou em movimento), diagramações, áudios, links, etc. O leitor multiletrado é aquele capaz de lançar mão de ferramentas para produzir e compreender as múltiplas dimensões do texto e dos contextos produtivos.

O presente artigo tem por objetivo apresentar as reflexões iniciais da intervenção proposta a respeito do uso de textos multimodais em sala de aula do ensino fundamental para promover os multiletramentos, especificamente os memes. Diante deste panorama, alguns questionamentos surgem, tais como o uso de textos multimodais, em que medida esse gênero discursivo é de fato encontrado nas salas de aula. Quando ocorrem, que análises são levantadas em conjunto com os estudantes? Como e se ocorre a produção do meme enquanto gênero textual? Este trabalho pro-

põe analisar o uso dos memes em sala de aula enquanto gênero digital para promover a formação de leitores críticos. Discutir a relação que pode existir, nos dias de hoje, entre produção de textos para alunos dos anos finais do ensino fundamental e a articulação com o conhecimento prévio de gêneros já conhecidos e produtivos no cotidiano. Ancorado numa perspectiva bakhtiniana, discute-se o meme enquanto gênero discursivo e multimodal como suporte para promover multiletramentos em sala de aula.

2. O gênero discursivo meme

O gênero meme poderia ser usado como forma de motivar discussões linguísticas, identitárias, sociais e políticas sobre o cotidiano? De que modo? Em que medida? Segundo o modelo pedagógico freiriano, é importante adotar como ponto de partida os conhecimentos prévios dos alunos. Atritando ainda à concepção de Charles Bazerman (2011) acerca das escolhas que fazemos enquanto professores, silenciando nossos alunos das escolhas dos gêneros a serem trabalhados em sala:

Aprender a escrever é um trabalho duro, que requer o domínio de problemas de escrita cada vez mais difíceis, de modo que, se quisermos que nossos alunos aprendam a escrever, nós precisamos identificar os tipos de produção escrita com os quais eles vão querer trabalhar com afinco e os tipos de problemas de escrita que eles vão querer solucionar. (BAZERMAN, 2011)

Nesse sentido, introduzir as aulas de linguagens e suas tecnologias com considerações sobre o que os alunos já usam em suas práticas sociais cotidianas seria produtivo, uma vez que promove reflexões sobre a linguagem, sua funcionalidade contextual, características de uso, por exemplo. Tem sido observado, nos últimos anos, um interesse particular pelas formas alternativas de construir textos que se integram às mídias tecnológicas ou outros suportes que serviriam como meios de transmissão. Observa-se, então, a necessidade de se valorizar a presença de gêneros no contexto pedagógico alinhados às mídias eletrônicas ou tecnológicas, como forma atualizada e adequada às propostas vinculadas aos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, em que se cobra a adaptação das competências linguístico-discursivas a fim de promover um ensino inclusivo, atuante e protagonista.

O texto multimodal exige o estabelecimento de relações em “todas e cada uma das modalidades semióticas presentes no texto e seu papel no processo de construção de sentido” (QUINTANA, PEREIRA &

SOUZA, 2015, p. 34). Esse processo de leitura é acessado diversas vezes, cotidianamente na leitura de um outdoor, campanhas publicitárias, nas redes sociais e tantos outros contextos. E a escola não foge a essa realidade. Em verdade deveria propor-se a, entre outras funções sociais, promover a leitura e produção de textos que ativem a competência multimodal. No entanto, o que se observa é em muitos casos, o livro didático e as aulas promoverem o apagamento das relações intermodais, assumindo-se assim o entendimento do texto apenas pelo que está escrito, desconsiderando outras marcas externas, mas não menos intrínsecas ao texto.

A capacidade de interpretar textos multimodais deve fazer parte da cultura escolar, o que requer que professores e alunos possam compreender a leitura e a produção de textos como processos de significação em que a linguagem verbal e a linguagem visual, embora independentes, interagem de maneiras específicas.

Imagens e palavras se relacionam, basicamente de três maneiras: coincidência, complementaridade e conexão. (QUINTANA, PEREIRA & SOUZA, 2015, p. 38-39)

O conceito de meme foi cunhado por Richard Dawkins, em 1976. A partir de uma abordagem evolucionista, Richard Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas.

Um ‘meme de ideia’ pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro. O meme da teoria de Darwin, portanto, é o fundamento essencial da ideia de que é compartilhado por todos os cérebros que a compreendem. (DAWKINS, 2001, p. 217-218)

É preciso que o meme influencie o comportamento dos indivíduos para gerar replicação. Assim se refere Richard Dawkins em:

Da mesma forma como os genes se propagam no “fundo” pulando de corpo para corpo através de espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no “fundo” de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação. Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro. (DAWKINS, 2001, p. 112)

É nesta concepção de meme enquanto ideia que circula e se replica entre as pessoas que me apoio para construir esta pesquisa. O meme é, certamente um dos gêneros discursivos mais propagado em redes sociais e outras mídias por usuários de um modo geral. O recorte que faço é quanto ao uso e circulação deste gênero por estudantes no espaço escolar.

Em que medida os memes são utilizados em nossas salas de aula enquanto prática social que dissemina culturas e ideias entre os jovens? Que tratamento é dado à circulação de estereótipos negativos, fobias, discursos de ódio dentre outros nas escolas?

3. *A pesquisa*

A pesquisa está sendo realizada como proposta de intervenção ao projeto no mestrado profissional em letras (PROFLETRAS), numa turma de 9ª ano de escola pública da rede estadual da Bahia, localizada num bairro periférico de Salvador, com 45 estudantes em sua maioria entre 13 e 15 anos, com os quais tenho desenvolvido um ciclo de questionários e rodas de conversa para caracterizá-los e traçar o perfil. Leitores e usuários de redes sociais e, portanto, do gênero discursivo alvo desta pesquisa. Contudo, até então não produzem ou produzem pouco os próprios memes. Limitam-se apenas a compartilhar as ideias apresentadas prontas em suas redes sociais e com objetivos comumente dissociados de intencionalidades políticas, sociais, culturais. O que se percebe até então são adolescentes replicando textos os quais foram compreendidos parcial ou distorcidamente de sua amplitude semiótica. Para dar conta deste emaranhado de informações, a inserção ou reforço de concepções de multiletramentos e da multimodalidade do gênero daria conta de ativar a competência multimodal destes estudantes.

Nos primeiros dados coletados, identificam-se estudantes que não gostam da escola ou das aulas, porém gostam do ambiente escolar, dos colegas e dos professores de um modo geral. Afirmam que as aulas não são interessantes e que poderiam ser mais interativas. Interação. Esta palavra foi citada repetidas vezes em diversos momentos quando questionados sobre o que tornariam as aulas de língua portuguesa mais interessantes ou que mudanças eles proporiam se pudessem ser professores. Interação. Pedido urgente que não deve ser ignorado nas reformas e planejamentos que se avizinham. Entendo como pista a ser seguida nas práticas pedagógicas e, portanto, adotada como eixo norteador desta pesquisa.

Ao serem questionados sobre gostar de ler, muitos afirmam não gostar das leituras propostas pela escola, mas que diariamente faziam diversas outras leituras as quais a escola silenciava. E foi neste contexto que surgiram os memes. Ao solicitar que exemplificassem que textos eram lidos espontaneamente pela turma, mas desconsiderados enquanto leitura por nós professores. Assim se deu a escolha do meme enquanto

gênero discursivo a ser trabalhado para propor uma intervenção voltada aos multiletramentos através de textos multimodais como possibilidade de construção de sujeitos críticos que percebem os jogos discursivos em que estão imersos ao compartilhar uma imagem, um *gif*, um meme, músicas e textos sem acessar a multiplicidade de linguagens associadas a este ato.

O pressuposto metodológico adotado coaduna com o modelo apresentado por Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004). Numa visão sócio interacionista do ensino de língua, a sequência didática a ser aplicada não parte do ensino e sim da aprendizagem e é estruturada em torno de um gênero discursivo, o meme. Organizada em módulos sequenciados com um conjunto de objetivos, atividades (conhecimento, reconhecimento e aplicação) e avaliação, a sequência didática terá uma produção de texto inicial (diagnóstica), os módulos e por fim o uma produção final em que a produção inicial é revista.

Na etapa atual, está sendo feito o levantamento de quais memes e das temáticas que fazem parte da vida dos estudantes nas redes sociais que utilizam. *Facebook, Instagram e Whatsapp* são as redes de maior uso entre os sujeitos colaboradores da pesquisa e será através dessas mesmas redes que os textos finais produzidos serão compartilhados e se tornarão alvo de debates em fóruns de discussão.

4. Considerações finais

Ao final desta intervenção, pretende-se que os estudantes, sujeitos colaboradores da pesquisa, estejam aptos a ler e produzir memes e outros gêneros discursivos acessando suas habilidades e competências multimodais e estabelecendo relações de forma crítica aos eventos semióticos das produções. Para tanto, é fundamental que a concepção de ensino aqui exposta ser torne prática diária e não apenas recurso metodológico como procedimento de pesquisa.

Quando compreendemos a complexidade da inserção da pedagogia dos multiletramentos em sala de aula, o trabalho com textos multimodais, garantimos a ideia de transformação contínua e perene dos nossos jovens leitores em sujeitos críticos e capazes de intervir socialmente de forma plena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZERMAN, Charles. *Gêneros, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Trad.: Geraldo Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade da Universidade de São Paulo, 1978.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 1980.

LEMKE, Jay L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 49, n. 2, p. 455-479, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132010000200009>>.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

QUINTANA, Haenz Gutiérrez; PEREIRA, Júlio Neves; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Leitura e multimodalidade. In: SILVA, Simone Bueno Borges da. (Orgs.). *Leitura, multimodalidade e formação de leitores*. Salvador: UFBA, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas, In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; CORDEIRO, Gláís Sales. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.